

UMA ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA DETECÇÃO DA MENTIRA: ASPECTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS

Pedro Eduardo Almeida Costa¹ – Alex Eduardo Gallo²

Resumo

O presente estudo está inserido nas linhas de pesquisa que investigam a detecção da mentira com um foco principal nas técnicas de observação do comportamento verbal e não verbal para realizar o julgamento. O trabalho parte do ponto de vista da Análise do Comportamento. A mentira pode ser considerada uma das funções básicas da linguagem humana. Ela existe em todas as áreas de convívio social, é aprendida em contato com a comunidade verbal e sua detecção é tão importante quanto sua emissão para o convívio em sociedade.

Palavras-chave: Mentira; comportamento verbal; comportamento não verbal; detecção de mentira; sinais de mentira.

Abstract

The present study is inserted in the lines of research that investigate the detection of the lie with a main focus in the techniques of observation of the verbal and nonverbal behavior to realize the judgment. The work starts from the point of view of Behavior Analysis. Lies can be considered one of the basic functions of human language. It exists in all areas of social life, is learned in contact with the verbal community and its detection is as important as its emission for socializing.

Keywords: Lie; verbal behavior; non-verbal behavior; lie detection; lie signals.

¹ Bacharel em Psicologia e Mestrando em Análise do Comportamento – Universidade Estadual de Londrina.

² Bacharel em Psicologia, Mestre em Educação Especial e Doutor em Educação Especial – Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

A identificação da mentira por meio da observação de gestos e expressões emitidos durante a interação social pode ser considerada, não apenas popular, mas como algo necessário para a sobrevivência e bem-estar social. O presente artigo visa esclarecer questões relacionadas à emissão e detecção dos comportamentos que podem ser considerados enganosos ou fraudulentos com um enfoque nos princípios da Análise do Comportamento.

Antes de se iniciar qualquer discussão, vale-se ressaltar como a Análise do Comportamento compreende o comportamento de mentir. Para os analíticos-comportamentais, a mentira pode ser considerada um comportamento que é aprendido em contato com a comunidade verbal e tem como principais características obter algum tipo de recompensa (HÜBNER; DAROCHA ZOTTO, 2010). É observada em todas as faixas etárias e em situações diversas encontradas e vivenciadas no dia a dia. A mentira não é apenas ruim ou imoral, ela tem um valor social significativo principalmente ao se relacionar com outras pessoas.

A detecção da mentira tornou-se popular e mundialmente conhecida através de representações em filmes, séries e livros, ficando assim mundialmente conhecida. O interesse pela temática não é restrito a uma área de pesquisa e sua utilização ocorre em diversos contextos. Em países que sofreram com atentados terroristas, como os Estados Unidos, técnicas de observação do comportamento verbal e não verbal vêm sendo ensinadas por meio de treinamentos governamentais e privados. Registros apontam que há mais de 30 anos agências como o FBI (*Federal Bureau of Investigation*) e a CIA (*Central Intelligence Agency*), fazem uso do avanço de técnicas relacionadas à identificação da mentira em interrogatórios e em entrevistas (CASTILHO, 2011). Tais conhecimentos e tais estratégias vêm sendo considerados uma grande ferramenta, auxiliando profissionais de diversas áreas da segurança na identificação de possíveis suspeitos, estabelecendo o fato de que o tema pode ser abordado por diferentes áreas de conhecimento, inclusive na Análise do Comportamento. Ressalta-se que junto com sua fama e uma promessa de “pragmatismo”, principalmente em investigações e análises forenses, ainda, são poucos os trabalhos científicos e concisos sobre a temática.

A detecção da mentira

Os indivíduos sempre se preocuparam em estabelecer critérios que poderiam facilitar a detecção do engano. A literatura analisada utilizada na análise ressalta que na idade média europeia, por exemplo, na qual o controle da igreja era maior, os métodos para a

identificação de mentiras estavam diretamente relacionados a crenças mágicas e religiosas (HONÓRIO, 2012). Nessa época, o suspeito era colocado dentro de um saco e jogado dentro de um rio ou lago, caso afundasse, era considerado culpado, caso boiasse, inocente. “Isso ocorria porque havia a crença de que o inocente teria sua boa alma salva por alguma intervenção divina” (HONÓRIO, 2012, p. 13).

Registros ainda mais antigos, mostram que na China, por volta de 1.000 a.C., já utilizavam estratégias para detectar a mentira. Nesse período, era proporcionada uma porção de arroz aos acusados, a qual deveria ser cuspidada logo em seguida: caso o arroz voltasse úmido, o acusado era inocente, caso voltasse seco, era culpado (HONÓRIO, 2012). Conseqüentemente, esse exemplo é a representação de parâmetros que são utilizados até hoje, em que são identificadas alterações fisiológicas no corpo do mentiroso (por exemplo, boca seca, variações no ritmo de respiração, elevação no registro de voz, maneira de movimentar-se ou não etc.) pertinentes aos estados de ansiedade e de medo de ter sua mentira exposta (HONÓRIO, 2012; EKMAN, 2011).

O pioneiro ao abordar aspectos essenciais da mentira e sobre como detectá-la por intermédio das expressões faciais foi Charles Darwin (1872/2000). Nesse trabalho, Darwin afirma que alguns movimentos repetidos das expressões faciais podem estar relacionados ao alívio de algumas sensações e/ou sentimentos, tornando-se hábito e passível de identificação, já que têm estimulação direta do sistema nervoso e são apresentados independentemente da escolha do indivíduo, o que demonstra que, por mais habilidoso ou treinado que o suspeito (de mentir) seja, alguns sinais são passíveis de observação.

Posteriormente, no campo da psiquiatria, Ekman e Friesen (1969) deram os primeiros passos para uma melhor compreensão acerca de estudos do comportamento verbal e não verbal de mentir e de métodos de identificação por meio da análise de micro/macro expressões faciais e corporais. Os autores sugerem no trabalho, que os comportamentos não verbais (gestos, (micro)expressões corporais e faciais, dentre outros) podem complementar ou contradizer o que está sendo apresentado vocalmente. O estudo pioneiro buscou analisar as diferenças do comportamento individualmente e como essas alterações eram representadas por meio da expressão dos indivíduos quando mentiam (EKMAN; FRIESEN, 1969). Com base nos resultados, destaca-se que ao mentir, pode ser observado comportamentos distintos quando comparado a relatos verdadeiros.

Atualmente, faz-se o uso de máquinas preparadas para monitoramentos fisiológicos para detectar mentiras, dentre elas, destacam-se o Polígrafo, o

Eletoencefalograma (EEG) e a Ressonância Magnética Funcional (RMF), os quais monitoram e medem parâmetros fisiológicos, como a pressão sanguínea, o batimento cardíaco, a amplitude da respiração, dentre outras (HONÓRIO, 2012). Com um maior controle e registro de atividades fisiológicas, são registrados parâmetros de quando o sujeito está dizendo a verdade e de quando está mentindo, no intuito de gerar uma linha de base (fisiológica), que, posteriormente, será comparada quando a pessoa estiver respondendo um interrogatório. Assim, com maiores informações, no caso, fisiológicas, podem contribuir em uma investigação sobre a veracidade do relato.

Técnicas de observação na detecção da mentira

Basicamente, as técnicas se baseiam em identificar, por meio da observação (direta ou indireta), frequências em que determinados comportamentos ocorrem, no intuito de verificar possíveis sinais que possam indicar estados emocionais e/ou intenção de mentir (HONÓRIO, 2012; DE PAULO; ROSENHAL, 1979; EKMAN; FRIESEN, 1969; QUINTA; COELHO, 2009). Para Honório (2012 p. 16), os sinais ocorrem “devido à sobrecarga cognitiva gerada para manter a verdade inibida e, ao mesmo tempo, criar a mentira, sem contradições, com coerência e com a quantidade necessária de detalhes”. Por exemplo, sentimentos ou reações emotivas, tal como a culpa, o prazer ou o medo, geralmente estão relacionados ao comportamento de mentir (EKMAN, 2009; HONÓRIO, 2012), e quando é observado um “excesso” de qualquer uma dessas emoções, o indivíduo passa a emitir comportamentos passíveis de observação. Assim, quando existe a necessidade de contar uma história com maiores detalhes sem tê-la de fato vivenciado, existe um aumento na carga cognitiva causando angústia que podem ocasionar em respostas observáveis.

Em um estudo de revisão bibliográfica conduzido por De Paulo, Lindsay, Malone, Muhlenbruck, Charlton e Cooper (2003), foram listados comportamentos verbais e não verbais considerados comportamentos de mentir obtidos por meio da observação. Na pesquisa, foi apresentado 158 comportamentos identificados como sinais de mentira e os autores destacaram que quando o relato é fraudulento, o suspeito apresenta com maior frequência: dificuldade para desenvolver o assunto ou a história; desvia significativamente o olhar; movimenta com menos frequência braços, mãos e cabeça; e, por mais inusitado que pareça, tende a balançar/afirmar o oposto do que está sendo dito (ao responder sim, realiza movimentos de “não” ao movê-la horizontalmente), estabelecendo o fato de que os estados

emocionais e o comportamento de mentir podem ser identificados por meio da observação de comportamentos verbais e não verbais.

A detecção de um discurso fraudulento por intermédio da observação de padrões comportamentais (verbais e não verbais) pode ocorrer de dois modos: objetivo e subjetivo. O método objetivo requer a gravação de um vídeo que, quando analisado, tem uma maior atenção direcionada para a emissão de comportamentos não verbais interpretados como sinais de mentira (HONÓRIO, 2012). O sistema de Codificação de Ação Facial (SCAF), elaborado por Ekman e Friesen (1978), pode ser considerado um exemplo desse método. O sistema busca inferir, com base na taxonomia da expressão facial possíveis emoções que podem estar destoando do que está sendo verbalizado vocalmente. Assim, deduzir se o que está sendo dito é verdadeiro ou falso.

No método subjetivo ocorre em duas formas: o direto e o indireto. No modelo de detecção direta ou explícita é solicitado que o participante apenas julgue se o suspeito está mentindo ou não, e a precisão é considerada significativamente baixa. Com maior efetividade e mais prática, a detecção indireta consiste em observar e analisar comportamentos que, analisados por meio da inferência, podem demonstrar se o suspeito está mentindo (DE PAULO; MORRIS, 2004). Assim, dentre os modelos de detecção da mentira por observação, nota-se que o mais vantajoso é o método de observação indireta.

No entanto, nem sempre as reações indicadas funcionam ou indicam o previsto. Ekman (1988) ressalta que não existem padrões globais de comportamentos verbais e não verbais de mentir. Alguns fatores, como por exemplo, um alto índice de ansiedade (alterações fisiológicas), pode comprometer todo o procedimento de análise. Releva-se, também, que o comportamento de mentir é aprendido e desenvolvido ao longo das experiências com a comunidade verbal, ou seja, quanto maior o treino (durante a ontologia), são maiores as chances dessa resposta verbal ser reforçada por sua consequência (SKINNER, 1957). Uma vez que esse repertório é aprendido e mantido pelas consequências, os sinais apresentados pelo indivíduo quando mente são minimizados ou isentados de qualquer meio de detecção (DARWIN, 1872/2000).

Estudos demonstram que procedimentos específicos como o treino (QUINTA; COELHO, 2009; ZUCKERMAN et al., 1984) e o uso de instrumentos, ou protocolos específicos, como o *Criteria-Based Content de Analysis* (CBCA) e o *Statement Validity Analysis* (SVA) podem colaborar com a melhora do desempenho dos participantes (julgadores) e aumentar a credibilidade da análise (VRIJ; AKEHURST; SOUKARA; BULL,

2004). O CBCA é um dos procedimentos mais populares no meio científico e se baseia-se na hipótese de que uma afirmação derivada da memória de uma experiência real, na qual existe um relato sincero da situação, se difere em conteúdo e qualidade de uma afirmação baseada em uma mentira, invenção ou fantasia (MACHADO; SILVANO; HUTZ, 2015; VRIJ et al., 2004). Para avaliar a veracidade do conteúdo, foi elaborado um instrumento, conforme demonstrado na tabela 1, que consiste em 19 critérios.

Tabela 1: Características gerais do Protocolo Criteria-Based Content Analysis (CBCA)

Agrupamentos	Critérios
Características Gerais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estrutura lógica 2. Produção desestruturada 3. Qualidade de detalhes
Conteúdos Específicos	<ol style="list-style-type: none"> 4. Encaixe contextual 5. Descrições de interações 6. Reprodução de verbalizações 7. Complicações inesperadas durante o incidente 8. Detalhes não usuais 9. Detalhes supérfluos 10. Incompreensão de detalhes relatados com precisão 11. Associações externas relacionadas 12. Alusões ao estado mental subjetivo 13. alusões ao estado mental de outro sujeito presente no relato
Conteúdos referentes à motivação	<ol style="list-style-type: none"> 14. Correções espontâneas 15. Reconhecimento da falta de memória 16. Levantamento de dúvidas sobre seu próprio testemunho 17. Autodepreciação 18. Perdão ao outro sujeito presente no relato, se for o caso
Elementos específicos do evento	<ol style="list-style-type: none"> 19. Detalhes característicos do evento

Considerações finais

Com base nas considerações apresentadas, é compreendido que a mentira é um comportamento aprendido em contato com a comunidade verbal. É considerada de grande importância quando se trata de sobrevivência de um grupo ou espécie, convivência social e é mantido ou não por consequências reforçadoras. As técnicas de detecção de mentiras são variadas e registros apontam que existem desde os primórdios da sociedade. Apesar da variedade de testes que podem colaborar na identificação do comportamento de mentir por meio de análises fisiológicas, as detecções da mentira por meio da observação de comportamentos verbais e não verbais podem oferecer pistas por intermédio de gestos ou de expressões faciais, vem se popularizando e ganhando espaço por sua praticidade e eficácia quando aplicada de acordo com alguns critérios pré-estabelecidos, como o treino e o seguimento de protocolos como no caso do CBCA.

Em virtude dos fatos mencionados, deve-se analisar todo tipo de conteúdo, mesmo quando científico, observando aspectos da estrutura, bem como a metodologia e até mesmo as referências que o estudo usa como base, antes de tomá-los como verdade. Apesar de vários estudos abordarem, no título ou assunto, “Análise do comportamento não verbal”, “Estudo comportamental da linguagem corporal”, “Comportamento não verbal”, dentre outros, eles podem não fazer parte da ciência analítico-comportamental, portanto, deve-se estar atento, a todo momento, à credibilidade que o trabalho tem na comunidade científica antes de se tomar qualquer conclusão.

Referências

- CASTILHO, W. **Mentira: um rosto de muitas faces**. 3ª ed.. São Paulo, SP: Editora Urbana, 2011.
- DARWIN, C. **A expressão das emoções nos homens e nos animais**. São Paulo, SP: Editora das Letras, 1872/2000.
- DE PAULO, B. M.; MORRIS, W. L. **Discerning lies from truths: Behavioral cues to deception and indirect pathway of intuition** Granhag, P. A. Stromwall. **In Deception detection in forensic contexts** (pp. 15-40). Cambridge, UK: Cambridge University, 2004.
- DE PAULO, B. M.; LINDSAY, B. E.; MALONE, L.; MUHLENBRUCK, K.; CHARLTON, K.; COOPER. **Cues to deception**. 129, 74–118. *Psychological Bulletin*, 2003.
- DE PAULO, B. M.; ROSENHAL, R.. **Ambivalence, discrepancy and deception in nonverbal communication**. In R. Rosenthal (Ed.). **Skill in nonverbal communication** (pp. 204-248). Cambridge, MA: Oelgeschlager, Gunn & Hain, 1979.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. **Nonverbal leakage and clues to deception**. 32, 88-105. *Psychiatry*, 1969. doi: <https://1ammce38pkj41n8xkp1iocwe-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2013/07/Nonverbal-Leakage-And-Clues-To-Deception.pdf>.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. **Facial action coding system (FACS): A technique for the measurement of facial action**. 12(3), 163-175. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1978.
- EKMAN, P. **Lying and nonverbal behavior: Theoretical issues and new findings**. 12(3), 163-175. *Journal of Nonverbal Behavior*, 1988.
- EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo, SP: Lua de Papel, 2011.
- HONORIO, F. F. **Precisão na detecção de mentiras: Investigação sobre o efeito da detecção indireta** (Dissertação de mestrado em Ciências do Comportamento). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 2012.
- HÜBNER, M. M.; DA ROCHA, G. M.; ZOTTO, L. L. S. **Mentira**. In P. I. C. Gomide (Org.), **Comportamento moral: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes**. Curitiba, PR: Juruá, 2010.
- MACHADO, P. V.; SILVANO, M. B.; HUTZ, C. S. **Estudo exploratório sobre critérios de veracidade em relatos de eventos de vida: considerações para a perícia psicológica criminal de adultos**. (47-48), 35-50. *Aletheia*, 2015. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942015000200004&lng=pt&tlng=pt.

- QUINTA, N. C. C. de.; COELHO, C. **Contando e detectando mentiras: O efeito do feedback sobre o desempenho.** 25(1), 137-145. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2009.
- SKINNER, B. F. **Verbal behavior.** Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.
- VRIJ, A.; AKEHURST, L.; SOUKARA, S.; BULL, R. **Detecting deceit via analyses of verbal and nonverbal behavior in children and adults.** 30, 8–41. *Human Communication Research*, 2004. doi: 10.1111/j.1468-2958.2004.tb00723.x.
- ZUCKERMAN, M.; KOESTNER, R.; ALTON, A. O. **Learning to detect deception.** 46 (3), 519-528. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1984. doi: 10.1037/0022-3514.46.3.519.